



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA**  
**CAMPUS JOÃO PESSOA**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**  
**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO 2ª**  
**LÍNGUA PARA SURDOS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

**ROGÉRIA DANTAS DE MELO JUSTINO**

**REFLEXÕES ACERCA DA LINGUÍSTICA APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA**  
**PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS**

**JOÃO PESSOA**

**2020**

**ROGÉRIA DANTAS DE MELO JUSTINO**

**REFLEXÕES ACERCA DA LINGUÍSTICA APLICADA AO ENSINO DE  
LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS**

TCC-Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus João Pessoa, Polo Duas Estradas, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para Surdos, sob a orientação da Prof.(a). Me. Camila Michelyne Muniz da Silva.

**JOÃO PESSOA**

**2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP  
Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *Campus* João Pessoa

J96r

Justino, Rogéria Dantas de Melo.

Reflexões acerca da linguística aplicada ao ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos / Rogéria Dantas de Melo Justino – 2020.

23 f.

Artigo (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos) – Instituto Federal da Paraíba – IFPB / Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação. Diretoria de Educação a Distância.

Orientadora: Profa. Me. Camila Michelyne Muniz da Silva

1. Língua portuguesa como L2. 2. Linguística aplicada. 3. Bilinguismo. 4. Metodologia de Ensino. I. Título.

CDU 811.134.3:376

**ROGÉRIA DANTAS DE MELO JUSTINO**

**REFLEXÕES ACERCA DA LINGUÍSTICA APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos.

João Pessoa, 08 de dezembro de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

*Camila Michelyne M. da Silva*

---

Prof.(a.) Ma. Camila Michelyne Muniz da Silva  
Orientador(a) – UFPE

*Marcley da Luz Marques*  
Profa. Ma. Marcley da Luz Marques  
(Examinadora)

---

Prof. Ma. Marcley da Luz Marques  
Avaliador(a) – IFPB

  
Nidia Nunes Máximo  
Coord. de Letras LIBRAS  
Departamento de Letras  
UFPE  
SIAPE: 2143407

---

Prof.(a.) Ma. Nidia Nunes Máximo  
Avaliador(a) – UFPE

# Reflexões acerca da Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos

Rogéria Dantas de Melo Justino<sup>1</sup>

Camila Michelyne Muniz da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho propôs-se a investigar, à luz das teorias da Linguística Aplicada, as metodologias utilizadas no ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos. O trabalho partiu de análises de publicações científicas coletadas em sites, revistas digitais, bem como Google Acadêmico. O estudo surgiu a partir da percepção de que o ensino de Português para surdos é um tema amplamente discutido, no entanto, há ainda uma escassez de materiais que possam orientar a prática de professores que atuam nessa modalidade. Os materiais explicitados refletem práticas de professores que desenvolveram intervenções e/ou atividades de observações e pesquisas em escolas regulares que atendem alunos surdos. As problemáticas apresentadas foram debatidas dentro do campo de reflexões dos estudos linguísticos, especificamente dos pressupostos advindos da Linguística Aplicada. Foi constatado que as metodologias adotadas pelos professores não regentes das turmas seguiram um modelo inclusivo, todavia, os professores regentes das turmas reproduzem uma metodologia inadequada às especificidades linguísticas dos estudantes surdos. Além disso, não apresentam formação apropriada para atuarem como professores de Português como segunda língua, tampouco, conhecimento acerca da Libras. A primeira instituição em que foram realizadas atividades interventivas não conta com intérprete de Libras e não se adequa à realidade de uma escola inclusiva. A segunda, é conhecida como referência em inclusão de alunos com surdez, embora não apresente características condizentes com o que se propõe. A última, em que foram realizadas atividades interventivas, trata-se de uma escola especial, onde o ensino do Português segue a ordem cronológica de L2<sup>3</sup>.

**Palavras-chaves:** Língua Portuguesa como L2, Linguística Aplicada, Língua brasileira de sinais, Metodologia de Ensino.

**Abstract:** This work aimed to investigate, in the light of Applied Linguistics theories, the methodologies used in the teaching of Portuguese as a second language for the deaf. The work started from analyzes of scientific publications collected on websites, digital magazines, as well as Google Scholar. The study arose from the perception that teaching Portuguese to the deaf is a widely discussed topic, however, there is still a shortage of materials that can guide the practice of teachers working in this modality. The materials explained reflect the practices of teachers who developed interventions and / or activities of observation and research in regular schools that serve deaf students. The issues presented were discussed within the field of reflections of linguistic studies, specifically the assumptions arising from Applied Linguistics. It was found that the methodologies adopted by the non-conducting teachers of the classes followed an inclusive model, however, the teachers conducting the classes reproduce a methodology inadequate to the linguistic specificities of the deaf students. In addition, they do not have appropriate training to act as teachers of Portuguese as a second language, nor knowledge about Libras. The first institution where interventional activities were carried out does not have a Libras interpreter and does not fit the reality of an inclusive school. The second is known as a reference in the inclusion of students with deafness, although it does not present characteristics consistent with what is proposed. The last, in which interventional activities were carried out, is a special school, where the teaching of Portuguese follows the chronological order of L2.

**Key words:** Portuguese as L2, Applied Linguistics, Brazilian sign language, teaching methodology.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB [rogeriadantasjustino@gmail.com](mailto:rogeriadantasjustino@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestra em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE [camila.michelyne@ufpe.br](mailto:camila.michelyne@ufpe.br)

<sup>3</sup> Os conceitos de primeira língua (L1) e segunda língua (L2) se referem à ordem cronológica pela qual as línguas são adquiridas. Dessa forma, a Libras se configura como a L1 do surdo, enquanto a Língua Portuguesa se configura como sua L2.

## **Introdução**

Durante muito tempo, a educação dos surdos foi conduzida por métodos e abordagens que pouco ou nada contribuíram para o progresso desse grupo de indivíduos, como a comunicação total e a abordagem oralista, por exemplo, que não consideravam que os surdos tinham uma língua específica. Essas abordagens surgiram na tentativa equivocada de inserir os surdos em uma realidade que não lhes pertenciam, colocando-os à margem enquanto sujeitos, negando-lhes o direito à educação e à aquisição de sua própria língua. Dentre essas abordagens, surgiu, então, o bilinguismo, trazendo à comunidade surda uma nova perspectiva sobre a educação. A proposta do bilinguismo nasceu sob um viés de inclusão, possibilitando à comunidade surda o direito de utilizar sua língua materna como primeira língua (L1) e uma segunda língua (L2) na modalidade escrita. No entanto, mesmo a proposta do bilinguismo sendo a mais adequada para orientar a educação dos surdos, foi necessário a adição de estudos linguísticos para que muitas teorias sobre o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua pudessem vir a ser esclarecidas, especialmente àquelas relacionadas aos processos cognitivos de aprendizagem.

Muitas proposições associadas ao ensino do Português como segunda língua, surgiram. Os estudos linguísticos passaram a atuar no sentido de tentar explicar essas questões, uma vez que a Linguística é uma ciência que tem como objeto de estudo a linguagem. No entanto, os estudos puramente advindos da Linguística não conseguiram dar conta de explicar questões mais específicas que perpassam o processo de ensino-aprendizagem, que vão desde aspectos cognitivos, processos e estratégias de ensino até contextos de aprendizagem, e é justamente nesse cenário que a Linguística Aplicada (LA) começa a atuar, auxiliando nessas reflexões que norteiam o processo de aprendizagem e de aquisição de línguas. Embora a Linguística Aplicada tenha seus estudos direcionados ao ensino de línguas estrangeiras, suas reflexões dão respaldo ao ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos, uma vez que essa modalidade, para surdos, se configura como ensino de uma língua estrangeira, pois ambos processos de ensino-aprendizagem seguem os mesmos parâmetros.

Assim, o presente trabalho surgiu a partir da indagação de como e quais as contribuições da Linguística Aplicada no que concerne à prática de ensino de Língua Portuguesa para surdos. Partindo dessa inquietação, o trabalho se preocupa em evidenciar as ideias defendidas pela LA sobre o ensino de línguas e como suas teorias podem atuar de forma a auxiliar o professor de Português como segunda língua para surdos, destacando sua relevância no processo de ensino-

aprendizagem de línguas. Dessa forma, o artigo discute, à luz da Linguística Aplicada, práticas de ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos, a fim de contribuir e enriquecer a discussão no campo de ensino. O trabalho objetiva apresentar e tecer reflexões acerca de metodologias utilizadas no ensino de Língua Portuguesa para surdos, analisando aspectos concomitantes com as concepções definidas pela Linguística Aplicada, buscando, ainda, compreender como suas proposições podem contribuir para o ensino da Língua Portuguesa como L2 para os surdos. Com esse estudo, espera-se identificar as estratégias de ensino a partir da análise de publicações sobre o tema, buscando refletir e compreender como a Linguística Aplicada pode subsidiar esse trabalho e de que forma suas contribuições podem ser aplicadas.

### **O Bilinguismo na educação de surdos**

O ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos tem sido pauta para muitas discussões e reflexões. Porém, antes de tudo, é necessário compreender o percurso histórico pelo qual a educação de surdos perpassou. Durante muito tempo, o ensino voltado à comunidade surda aconteceu de forma inadequada, baseando-se em abordagens pouco ou nada efetivas no que concerne à aquisição de linguagem. Embora tenham surgido com o objetivo de expor a melhor forma de conduzir o processo de ensino-aprendizagem do surdo, essas abordagens apresentavam concepções fragmentadas no que diz respeito ao ensino de língua. Dentre algumas abordagens, a proposta do Bilinguismo foi a mais significativa, ganhando bastante reconhecimento e aceitação. A concepção do Bilinguismo trouxe um conceito completamente contrário em relação às abordagens até então vistas, surgindo sob uma perspectiva inclusiva. Com o seu surgimento, o ensino da língua de sinais passou a ser mais democrático, permitindo maior acessibilidade aos seus usuários. A educação de surdos pautada na proposta do Bilinguismo consiste no ensino de duas línguas: a Libras como L1 para o aluno surdo, e o Português, na modalidade escrita, como L2. De acordo com Brochado (2003, p. 19, apud FERREIRA-BRITO, 1993, p. 53):

O Bilinguismo, mesmo que atingido parcialmente, seria o mais apropriado às necessidades da pessoa surda, cuja potencialidade habilita-se a um desenvolvimento pleno da linguagem, contanto que para isso, haja “input” necessário. E os dados linguísticos que lhes servirão de “input” serão transmitidos principalmente através de um canal gestual-visual, a Língua de Sinais, já que sua audição está danificada.

No entanto, embora a proposta do bilinguismo tenha trazido grandes contribuições para o ensino, há muitas questões que ainda precisam ser problematizadas. Essas reflexões podem

ter como ponto de partida os estudos linguísticos acerca da Libras, mais especificamente a partir das proposições da Linguística Aplicada.

### **Linguística Aplicada: conceito**

A Linguística Aplicada é um campo de conhecimento científico que oferece embasamento teórico no que se refere ao trabalho prático de ensino de línguas estrangeiras. É uma disciplina que trabalha de forma integrada com outras áreas do conhecimento científico, visando a compreensão de problemas envoltos na língua em uso, sendo a interdisciplinaridade uma de suas principais características. Alguns estudiosos associam o surgimento da Linguística Aplicada aos acontecimentos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, pois o contato com outros povos era necessário, o que exigia, naturalmente, a aprendizagem de outras línguas. De acordo com Gargallo (1999, p. 11):

[...] a Segunda Guerra Mundial havia criado situações na qual manter relacionamentos com os aliados e desenvolver atividades de espionagem exigia a aprendizagem de línguas – sobretudo, o alemão e o japonês – de forma urgente e efetiva. Essa situação provocou a criação de programas linguísticos com a finalidade de aplicar os conhecimentos específicos ao ensino de línguas estrangeiras e esta constituiu, portanto, o germe da gradual institucionalização da referida atividade. [...] (tradução nossa).<sup>4</sup>

Dessa forma, o conceito de Linguística Aplicada foi se reformulando e se ampliando ao longo dos séculos e passou, então, a ser definida como uma ciência que tem como foco principal os estudos voltados aos problemas reais que envolvem o uso da linguagem. Para Albres (2012, apud MOITA-LOPES, 2003) a Linguística Aplicada é “uma ciência social da linguagem que tem como foco os problemas e questões de uso da língua pelos participantes do discurso no contexto social, isto é, usuários da linguagem dentro e fora do meio de ensino/aprendizagem.” Sobre o objetivo da LA, Silva (2020, p. 13) pontua que:

A Linguística Aplicada tem como objetivo desenvolver estudos sob o prisma da elaboração de material didático, das discussões sobre as diversas abordagens metodológicas para esse fim, das estratégias de ensino e aprendizagem, além de outros aspectos concernentes, especificamente sobre o trabalho didático-pedagógico com línguas estrangeiras.

---

<sup>4</sup> [...] La II Guerra Mundial había creado situaciones en las que mantener relaciones con los aliados y desarrollar actividades de espionaje exigía el aprendizaje de lenguas – sobre todo el alemán y el japonés – de forma urgente y efectiva. Esta situación provocó la creación de programas lingüísticos con el fin de aplicar los conocimientos específicos a la enseñanza de lenguas extranjeras y esto constituyó, por tanto, el germen de la paulatina institucionalización de dicha actividad. [...].

Diante disso, é perceptível que a Linguística Aplicada muito tem a contribuir com o ensino de línguas, por se tratar, justamente, de uma ciência que, na atualidade, têm seus estudos centrados nas áreas da psicolinguística e sociolinguística, por exemplo. Assim, seu interesse está situado em discussões que envolvam a aquisição e aprendizagem de línguas estrangeiras, como também em aspectos que englobam questões sociais da linguagem, como variações linguísticas, contato de línguas, entre outras. Segundo Gargallo (1999, p. 13 e 14):

[...] a Linguística Aplicada se alimenta do conhecimento que a pesquisa linguística oferece sobre a natureza da língua, com o propósito de melhorar a eficácia de uma tarefa prática na língua em que o componente central – a língua como reflexo de uma cultura e de um determinado comportamento social, está claro; [...] (tradução nossa)<sup>5</sup>

Diante desse contexto, entendemos que os estudos relacionados à aprendizagem de uma segunda língua, e, conseqüentemente, às metodologias de ensino de línguas podem ter como ponto de partida as reflexões da LA. É a partir dessa perspectiva que as discussões em torno do processo de ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos serão debatidas.

### **Princípios teóricos para o ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos a partir dos estudos da Linguística Aplicada**

Como foi mencionado no tópico anterior, nos estudos da LA podemos encontrar aporte teórico para discutir e conduzir o trabalho com a metodologia de ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos. Tendo em vista que seus estudos nos ajudam a refletir acerca de aspectos que estão situados no processo de ensino-aprendizagem de línguas, a LA se apresenta como uma ciência capaz de observar a língua sob diferentes pontos de vistas e isso envolve desde questões de problemas de uso da linguagem até adequação de metodologia e estratégias utilizadas na prática de ensino. É importante ressaltar que os estudos teóricos e pedagógicos advindos da Linguística Aplicada se apresentam como um modelo que pode subsidiar o trabalho com o ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos. Por esse motivo, é tão importante voltarmos nosso olhar para as investigações provenientes da LA e, principalmente, considerarmos os resultados desses estudos como ponto de partida para um ensino mais significativo para o estudante surdo. Antes de tudo, é necessário justificar o porquê do ensino

---

<sup>5</sup> [...] la Lingüística Aplicada se nutre del conocimiento que sobre la naturaleza del lenguaje ofrece la investigación lingüística, con el propósito de mejorar la eficacia de una tarea práctica en la que la lengua es el componente central – la lengua – como reflejo de una cultura y de un determinado comportamiento social, claro está; [...].

de Língua Portuguesa como L2 para surdos ser estudado e analisado a partir das proposições da LA, que têm seus estudos voltados às questões práticas de ensino de línguas estrangeiras.

A Língua Portuguesa na modalidade escrita pode ser compreendida como língua estrangeira para o aluno surdo porque é uma língua que não faz parte de seu repertório linguístico natural e necessita de orientação pedagógica para ser adquirida. Além do mais, é uma língua pertencente a outro grupo social, um grupo que, embora divida o mesmo espaço geográfico, tem uma cultura diferente, e conseqüentemente, uma língua diferente. Desse modo, a Língua Portuguesa para o aprendiz surdo será sua L2. Essas proposições precisam preceder à prática de ensino dessa língua como L2, uma vez que ensinar uma língua estrangeira requer muitos estudos e reflexões, porque é um processo complexo e como afirma Gargallo (1999, p. 22):

<sup>6</sup>[...] a aprendizagem é uma realidade poliédrica é um fenômeno que tem como protagonista um ser variável – como é o ser humano -, deveríamos assumir que nenhuma teoria por si mesma poderá explicar o processo em sua totalidade e de forma universal. Podemos aceitar que existem alguns mecanismos ou estratégias do tipo universal – contraditórios e complementares ao mesmo tempo – como a transferência desde a língua materna, a repetição, a generalização de regras da língua meta, a reformulação de hipóteses ou criatividade, que, de acordo com as variantes específicas de cada indivíduo, contribuirá a criar estilos individuais de aprendizagem. (tradução nossa).

Desse modo, as metodologias de ensino de uma língua precisam estar organizadas a partir do entendimento de como ocorre o processo de aprendizagem, e que, embora estejamos lidando com diferentes personalidades, precisamos compreender que existem estratégias que dão subsídios para que a prática de ensino de línguas, especificamente do Português como L2 para surdos, aconteça de forma adequada e efetiva. Ademais, é interessante que o professor leve em consideração a multiplicidade de fatores que podem comprometer o processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo, como as diferenças individuais e contextos de aprendizagem, por exemplo. É pertinente que o professor de Português como L2 conheça bem o seu público-alvo, para que compreenda os fatores citados e possa atuar em concordância com tal realidade. Em relação ao processo de ensino do Português como L2, Delgado & Cavalcante (2011, p. 92) destacam que:

---

<sup>6</sup> El aprendizaje es una realidad poliédrica y un fenómeno que tiene como protagonista a un ser variable -como lo es el ser humano-, deberíamos asumir que ninguna teoría por sí misma podrá explicar el proceso en su totalidad y de forma universal. Podemos aceptar que existen algunos mecanismos o estrategias de tipo universal - contradictorios y complementarios al mismo tiempo- como la transferencia desde la lengua materna, la recepción, la generalización de las reglas de la lengua meta, la reformulación de hipótesis o la creatividad, que, de acuerdo con las variantes específicas de cada individuo, contribuirán a crear estilos individuales de aprendizaje.

O ensino do português pressupõe a aquisição da língua de sinais brasileira – “a” língua da criança surda. A língua de sinais também apresenta um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem do português. A ideia não é simplesmente uma transferência de conhecimentos da primeira língua para a segunda língua, mas sim um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados.

Quanto aos fatores que estão presentes nesse processo de ensino-aprendizagem, como também os princípios de cunho teórico, Gargallo (1999) apresenta algumas reflexões que partem de experiências relacionadas ao ensino de língua estrangeira como segunda língua a partir das contribuições da Linguística Aplicada. Dentre as teorias expostas pela autora, o conceito e distinção entre aprendizagem e aquisição é fundamental para compreendermos como o ensino de línguas, a partir das proposições da LA, deve ser orientado. Segundo Gargallo (1999, p. 19), a aquisição é um processo que acontece de forma espontânea e inconsciente com a internalização de regras que são consequências da utilização natural da linguagem com finalidades comunicativas e sem expressar atenção à forma. Enquanto a aprendizagem se configura como um processo que decorre da instrução formal em aula e tem como implicação um conhecimento explícito da língua enquanto sistema.

Entender a diferença existente entre aquisição e aprendizagem é de suma importância, pois esses conceitos estão interligados e ambos fazem parte do processo de ensino-aprendizagem, influenciando diretamente à prática de ensino. Portanto, devem ser debatidos dentro do campo de reflexões de ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos, bem como aspectos sociolinguísticos, psicolinguísticos e educativos, que estão inseridos também dentro dos estudos da Linguística Aplicada.

Pensar no processo de aquisição da Língua Portuguesa como segunda língua para surdos, é considerar que existe uma situação ainda mais complexa, pois trata-se do ensino de uma língua que se caracteriza através de uma modalidade completamente diferente das línguas de sinais, como afirma Brochado (2003, p. 30):

No caso de crianças surdas, falantes da Língua de Sinais Brasileira como primeira língua, apropriando-se da escrita do Português como segunda língua, a situação torna-se mais complexa, dado que ambas são línguas de modalidades diferentes (espaço-visual e oral-auditiva) e vias de recepção e expressão também diversas. Uma é adquirida visualmente e expressa-se por sinais, a outra possui a recepção auditiva e a expressão falada ou escrita.

Por consequência, é necessário compreender as especificidades da Libras para que as metodologias de ensino do Português como L2 possam ser elaboradas de forma condizente com

a realidade linguística do surdo. Além disso, Xavier & Viotti (2011, p. 13) destacam que “de um ponto de vista da linguística aplicada, a preocupação central, como não poderia deixar de ser, é a que envolve o ensino de português escrito para falantes de uma língua de uma modalidade outra que não a oral-auditiva.”

Ainda no tocante ao processo de ensino-aprendizagem de uma L2 ou língua estrangeira (LE), Gargallo (1999, p. 28) traz a seguinte concepção: “Processo complexo pelo qual o indivíduo internaliza, de forma gradual, os mecanismos necessários (linguísticos, extralinguísticos e culturais) que lhe permitirá atuar de forma adequada dentro de uma comunidade linguística.”<sup>7</sup>

Logo, compreendemos que o ensino-aprendizagem de uma L2 é constituído por etapas. Ainda segundo Gargallo (1999), essas etapas são constituídas de um ponto de partida e um ponto de chegada. O ponto de partida é a própria língua materna do indivíduo, enquanto o ponto de chegada é compreendido como a aprendizagem da língua meta. Gargallo (1999, p. 28, apud L. SELINKER, 1972) pontua que entre esses dois pontos existe um processo denominado interlíngua:

Faz referência ao sistema linguístico usado por um falante não nativo, trata-se de um sistema que possui traços da língua materna, traços da língua meta e outros propriamente idiossincráticos, cuja complexidade é aumentada pelos novos elementos que o locutor internaliza [...].<sup>8</sup> (tradução nossa)

Assim, é compreensível que o conceito de interlíngua se configura como um sistema temporário, uma vez que tende a persistir até o momento em que o aprendiz se torna fluente na língua alvo. De acordo com Silva (2020, p. 17):

A interlíngua do aprendiz apresenta regras dos dois sistemas da L1 e da L2, sem, no entanto, se enquadrar em nenhuma das duas. Esse fenômeno configura a transição entre a língua materna e a língua alvo, durante o processo de aprendizagem, e é percebido nas produções textuais de qualquer aprendiz de segunda língua, surdos ou ouvintes.

Diante disso, entender que o aluno surdo, assim como o aluno que está aprendendo qualquer outra língua estrangeira, vai passar por esse processo de interlíngua, é de grande

---

<sup>7</sup> Proceso complejo por el que un individuo interioriza, de forma gradual, los mecanismos necesarios (lingüísticos, extralingüísticos y culturales) que le permitirán actuar de forma adecuada en el seno de una comunidad lingüística.

<sup>8</sup> Para hacer referencia al sistema lingüístico empleado por un hablante no nativo (HNN); un sistema que posee rasgos de la lengua materna, rasgos de la lengua meta y otros propriamente idiosincráticos, y cuya complejidad se va incrementando en un proceso creativo que atraviesa sucesivas etapas marcadas por lo nuevos elementos que el hablante interioriza [...].

relevância porque permitirá ao professor refletir sobre sua prática e principalmente buscar estratégias para aplicar os conteúdos da língua alvo da maneira mais adequada possível. Outro aspecto que pode ser incorporado à discussão de metodologias de ensino de língua portuguesa como L2 para surdos, diz respeito às diferenças existentes entre ensinar uma língua materna e ensinar uma língua estrangeira. Os conceitos de língua materna, bem como de língua estrangeira, que são abordados dentro dos estudos da LA, também precisam preceder à prática de ensino do professor nessa modalidade. A respeito de tais conceitos, Silva (2020, p. 15-16) ressalta:

Língua materna é a língua que é adquirida com a mãe naturalmente. É também a língua do país ou comunidade em que o indivíduo está inserido. Língua estrangeira é a língua de outro país que é aprendida por meio da instrução formal. Ela não faz parte do repertório linguístico das interações sociais do aprendiz e, por isso, é usada em situações específicas.

A diferenciação desses conceitos advindos da LA é o que nos dá direcionamento quanto à maneira mais apropriada para conduzir o trabalho com o ensino de línguas estrangeiras. Ainda de acordo com Silva (2020), é necessário ressaltar que, no caso das pessoas surdas, o que leva a Libras a ser considerada sua língua materna são diferentes dos fatores das pessoas ouvintes, levando em conta que a maioria das mães de crianças surdas são ouvintes que não têm conhecimento da Libras e que, assim, não têm como transmiti-la a seu filho surdo, de forma natural. Geralmente, o primeiro contato da criança surda com a Libras acontece no âmbito escolar, de forma tardia, o que resulta em um atraso linguístico apresentado pelas crianças surdas, diferentemente do que acontece com a criança ouvinte.

A educação linguística das crianças surdas é uma preocupação e precisa ser repensada de imediato, Xavier & Viotti (2011, p. 16) apontam que “[...] uma grande parte das crianças surdas infelizmente chega à escola sem qualquer língua. [...]”, dessa forma, é preciso se pensar em um ambiente que propicie a aprendizagem da língua de sinais, para que seja possível um ensino de Português como segunda língua para esses alunos. Um ensino de segunda língua só será possível após a aquisição da língua materna da criança surda. Silva (2020) também chama atenção para o fato de que independentemente do momento em que a Libras é adquirida, o fato é que essa é a sua primeira língua, pois é por meio dela que a criança consegue compreender melhor o mundo que lhe cerca, justamente pela razão da língua de sinais se constituir na modalidade visuoespacial.

A partir das concepções mencionadas, é necessário repensar o ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos, considerando os desafios e as possibilidades que cerceiam esse ensino, tendo em mente os princípios supracitados, advindos da Linguística Aplicada. É interessante que se investigue as razões que levam ao fracasso do ensino, como também entender o que pode ser significativo dentro desse processo. Silva (2020) elenca alguns fatores que contribuem para a falta de êxito na aprendizagem da Língua Portuguesa na modalidade escrita pelos estudantes surdos, assim como aspectos que trazem resultados positivos. Segundo a autora, são fatores que colaboram para o insucesso do ensino: a falta de adequação metodológica; falta de entendimento claro do que é o Bilinguismo para surdos; falta de conhecimento linguístico da Libras; falta de utilização da Libras; preconceitos com relação à Libras e ao aluno surdo; falta de preparo e formação inicial e continuada de professores. Enquanto os fatores que contribuem para o melhoramento significativo do ensino de Língua Portuguesa são: aquisição da Libras como primeira língua; contato constante com surdos fluentes em Libras; utilização da Libras como língua de instrução; professor fluente em Libras (surdo ou ouvinte); adequação metodológica.

A autora propõe essa reflexão baseando-se nas concepções definidas pela Linguística Aplicada. Como é possível observar, os fatores citados ocorrem com bastante frequência no âmbito educacional em que o surdo está inserido. Analisando os conceitos apresentados, percebemos a urgência de repensar o ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos. Dentre os fatores responsáveis pela falta de êxito no ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos, inferimos que ocorrem com bastante frequência na educação dos surdos e que são extremamente inadequados à aprendizagem desses alunos. Além disso, a ausência de uma metodologia adequada até à falta de preparação e formação continuada de professores, é, certamente, uma realidade que influi diretamente em todo o processo de ensino-aprendizagem do aprendiz surdo, o que dificulta ainda mais esse processo tão complexo.

Ao nos debruçarmos sobre os fatores que contribuem para um ensino efetivo de Língua Portuguesa como L2 para surdos, vemos a importância de o aluno surdo possuir a Libras como sua L1 antes de aprender o Português como L2, pois a aquisição da L1 é requisito para a aquisição de uma L2. Entendemos também o quanto o contato do aluno com surdos fluentes em Libras pode ser importante para seu desenvolvimento e melhor aquisição de sua L1; que a Libras como língua de instrução precisa ser uma realidade, uma vez que é a partir dela que o aluno surdo é capaz de construir conhecimentos partindo dos que ele já possui; e que o professor, independentemente de ser ouvinte ou surdo, necessita ser fluente na Libras e, sobretudo, é preciso que haja uma preocupação no que diz respeito à metodologia de ensino,

para que as adequações possam ser feitas de acordo com as necessidades e realidade linguística do estudante surdo.

## **Metodologia**

A pesquisa foi constituída a partir de publicações científicas que apresentassem exemplos de metodologias de ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos, coletadas em sites de revistas e eventos acadêmicos, assim como Google Acadêmico. Compreendendo, portanto, uma revisão bibliográfica, uma vez que foi constituída a partir de dados secundários, seguindo, assim uma abordagem qualitativa, pois a interpretação dos fenômenos aconteceu de forma subjetiva, buscando a compreensão da problemática abordada. Conforme Boccato (2006, p. 266):

a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Nessa perspectiva, a pesquisa buscou realizar um estudo acerca da problemática abordada, baseando-se em referenciais teóricos e publicações científicas, seguindo um cronograma de atividades que teve início no mês de agosto, com a escolha do tema, e foi seguido durante os meses de setembro a novembro de 2020.

Em outubro, foi realizada a pesquisa e encontramos apenas três publicações referentes à temática, no período de tempo relativo aos últimos cinco anos, que abordassem o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos. Os trabalhos identificados são referentes aos anos de 2015 e 2016. A pesquisa foi desenvolvida a partir de trabalhos de pesquisas e intervenções realizadas por outros professores, não se tratando, logo, de uma prática específica.

O primeiro material coletado refere-se a um artigo publicado na Revista Línguas e Letras, no ano de 2016, intitulado “Ensino-aprendizagem e metodologias de ensino de língua portuguesa para surdos na perspectiva da educação inclusiva”. O artigo relata uma pesquisa quantitativa, com investigação bibliográfica, observação participante e diário de campo, que analisou os processos de ensino-aprendizagem vivenciados por um aluno surdo do Ensino Fundamental, na cidade de Viçosa – MG; o estudo também trouxe uma proposta interventiva baseada nas propostas dos PCN’s.

O segundo trabalho, intitulado “O ensino de língua portuguesa para surdos na Escola Estadual Vicente Machado Menezes em Itabaiana-SE”, publicado em 2015, no 8º Encontro Internacional de Formação de Professores, teve como objetivo investigar quais metodologias de ensino estão sendo utilizadas por dois professores de Língua Portuguesa que lecionam em turmas regulares e inclusivas para alunos surdos na escola mencionada.

O terceiro trabalho analisado, “Ensino de português como segunda língua para o aluno surdo”, publicado pela Revista de Estudos Aplicados em Educação, ano 2016, propõe-se a compreender, do ponto de vista linguístico, como acontece a aquisição de Língua Portuguesa escrita nas produções de aprendizes surdos. O estudo aconteceu a partir de uma pesquisa de intervenção, onde o público são alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, de uma Escola Especial para surdos do município de São Bernardo do Campo.

A segunda etapa, desenvolvida no mês de novembro, foi a coleta dos dados obtidos nos textos selecionados. Em seguida, o material coletado foi analisado, interpretado e discutido. Nessa etapa, o objetivo foi identificar nos estudos coletados as metodologias e as estratégias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem do surdo. Na sequência, as informações foram confrontadas com os apontamentos presentes no referencial teórico, buscando-se verificar se a metodologia aplicada no ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos está alinhada aos pressupostos teóricos adotados pelos estudos advindos da Linguística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras. A partir dos resultados alcançados durante as fases de coleta e análise, foram feitos apontamentos acerca das contribuições da LA quanto à prática de ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos.

### **Análise e discussão**

Nos dois primeiros trabalhos coletados, foi observado que a metodologia utilizada no ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos não corresponde à realidade linguística do aprendiz surdo. No primeiro trabalho, a professora regente da turma apresentou justificativas carregadas de crenças e estereótipos em relação à cultura surda, desconsiderando a existência e a heterogeneidade da língua de sinais. A forma como a professora conduzia suas aulas não seguia um viés inclusivo, muito pelo contrário, a metodologia utilizada era completamente inadequada à aprendizagem e inclusão do único aluno surdo presente na turma. A professora afirmou não ter formação para atuar com estudantes surdos e que nunca havia participado de cursos de formação continuada ou extensão. A escola também não dispunha de intérprete de Libras, o que dificultava ainda mais a inclusão e comprometia todo o processo de ensino-aprendizagem desse aluno. Não existia diferença entre as aulas ministradas para os alunos

surdos e ouvintes, todos estavam imersos no mesmo contexto de aprendizagem. No caso do aluno surdo, esse deveria se adequar àquela realidade, pois a professora, além de não ter formação específica para atuar com surdos, acreditava que ele compreendia os conteúdos através da leitura orofacial, técnica que consiste na interpretação visual de movimentos articulatórios da fala, pois, segundo a professora, o aluno era oralizado.

Diante da realidade apresentada pela escola, as pesquisadoras propuseram algumas atividades interdisciplinares embasadas nas proposições dos PCN's. Na intervenção, com a presença de um intérprete de Libras (foi solicitada, pelas pesquisadoras, a presença de um intérprete à Unidade de Políticas Inclusivas da Universidade Federal de Viçosa - UPI-UFV), as atividades foram desenvolvidas sob uma perspectiva inclusiva. O trabalho com gêneros textuais que priorizavam recursos visuais, por exemplo, é um dado muito importante, uma vez que isso facilitou a compreensão do aluno surdo acerca do que estava acontecendo em sala de aula, permitindo-o uma aprendizagem mais significativa. Outros gêneros também foram utilizados na intervenção, como a receita médica, que, no entanto, não foi tão significativa quanto os demais gêneros abordados (gibis, panfletos...). Durante a intervenção também foi apresentado o filme Cine Gibi "A Hora do Banho", da Turma da Mônica, com tradução/interpretação na língua de sinais, o que contribuiu para a inclusão do estudante surdo. A criação de Maurício de Souza "Pintura em quadrinhos", onde as personagens da Turma da Mônica fazem paródias de artistas consagrados como Leonardo da Vinci, também foi utilizada, bem como as pinturas originais. Foi perceptível que no decorrer de toda intervenção, as pesquisadoras tentaram inserir métodos que pudessem incluir o aluno surdo, cumprindo com o objetivo inicial, intercalando e fazendo associações entre textos e imagens, para que o aluno surdo pudesse participar ativamente das aulas.

A proposta de intervenção explicitada levou em conta a realidade linguística apresentada pelo aluno surdo, e embora tenha se baseado apenas nos PCN's, que não evidencia nenhum indicativo de como prosseguir com o ensino para surdos, atendeu, mesmo que parcialmente, às necessidades do aluno. Foi perceptível a preocupação em abordar gêneros textuais que possibilitassem a interação desse aluno durante as atividades. No entanto, a metodologia empregada partiu de uma intervenção, não sendo tal prática aplicada no decorrer do ano letivo, sendo assim, concluímos que as estratégias utilizadas no ensino dessa escola, especificamente, não se fundamentam em princípios teóricos e práticos no que tange ao ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos, tampouco se vincula aos pressupostos advindos da Linguística Aplicada ou até mesmo a proposta do Bilinguismo. Como exemplo desses pressupostos da LA, podemos citar os conceitos de aquisição e aprendizagem de línguas

estrangeiras e tantas outras especificidades, já mencionadas, que estão associadas ao processo de ensino-aprendizagem de uma língua. São, certamente, essas reflexões voltadas ao ensino de língua que podem orientar o desenvolvimento e uso de melhores estratégias voltadas ao ensino de Português como L2 para surdos.

No segundo trabalho analisado, foi constatado, primeiramente, que a escola na qual a pesquisa foi desenvolvida se tratava de uma instituição considerada referência em inclusão de alunos com surdez na cidade de Itabaiana/SE. No entanto, durante o período de observações foi notado que as metodologias utilizadas pelos professores dessa instituição não eram condizentes com a realidade de uma escola inclusiva. Foi identificado que a Libras não era utilizada como língua de instrução, uma vez que a escola não contava com tradutores intérpretes de Libras e os professores participantes da pesquisa também não faziam uso da Libras. A comunicação entre alunos e professores acontecia mediante a Língua Portuguesa na modalidade escrita.

De acordo com os pesquisadores, em algumas ocasiões durante as observações, um dos professores pediu auxílio de alunos ouvintes que tinham um pouco de conhecimento da Libras para mediar a interação com os aprendizes surdos. Em relação às aulas, essas eram ministradas através do oralismo, no método tradicional de ensino e não existia a utilização de recursos que possibilitassem aos estudantes surdos uma aprendizagem significativa. Segundo os professores, os alunos surdos não conseguiam apresentar uma boa assimilação dos conteúdos, justamente pela falta de intérpretes, todavia, destacaram que esses alunos recebiam acompanhamento no AEE oferecido na sala de recursos multifuncional, que atendia alunos com surdez em turno contrário da turma inclusiva.

Após a observação, foi aplicado um questionário com vinte questões abertas, dentre elas, perguntas sobre metodologias de ensino. Quanto à metodologia, os professores afirmaram que o aprendizado da Língua Portuguesa pelo surdo deve acontecer junto com os ouvintes. Defenderam também a necessidade de um intérprete. Um dos professores disse considerar-se “deficiente” por não saber se comunicar com os aprendizes surdos. Em relação aos conteúdos, esses eram transmitidos oralmente; no que diz respeito às atividades e avaliações desenvolvidas, não havia adaptação, alunos surdos e ouvintes compartilhavam das mesmas atividades, sem uso de metodologia específica para os aprendizes surdos, o que havia era apenas uma orientação no momento de realização dessas atividades. Em síntese, os professores reconheceram que o ensino de Língua Portuguesa para os surdos deve seguir outros parâmetros, porém, não fazem uso de outras metodologias que se adequem ao ensino nessa modalidade.

Desse modo, constatamos, mais uma vez, que o ensino de Língua Portuguesa para surdos continua seguindo uma proposta descontextualizada, e mesmo os professores tendo

consciência do quanto essa metodologia não agrega conhecimento, sequer desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem do surdo, permanecem pautando o ensino em métodos insignificantes, assim como não buscam entender quais seriam as melhores estratégias para essa modalidade de ensino. É primordial que os professores de Língua Portuguesa como L2 para surdos repensem suas práticas, podendo tomar como parâmetro as reflexões da LA, porque nela encontramos teorias que podem explicar como acontece a aprendizagem de uma língua e quais são os principais fatores que estão interligados ao processo de ensino-aprendizagem do Português na modalidade escrita para surdos, levando em conta as especificidades linguísticas apresentadas pelos estudantes surdos.

O terceiro material coletado, compreende um trabalho que tem como foco a avaliação de produções escritas de alunos surdos. A proposta consiste na compreensão de como se dá a aquisição de Língua Portuguesa escrita por alunos surdos, sob o ponto de vista linguístico. Aqui, a reflexão partiu de uma perspectiva metodológica, ou seja, o objetivo é compreender como o ensino de Português como segunda língua é conduzido. Inicialmente, observamos que a Língua Portuguesa na modalidade escrita ocupa o lugar de segunda língua, por conseguinte, a escola reconhece a Libras como a primeira língua dos aprendizes surdos, um aspecto primordial que precisa anteceder a aprendizagem do Português. A metodologia explicitada no trabalho parte de uma intervenção cujo objetivo era analisar as produções escritas de quatro crianças surdas, alunas do sexto ao nono ano de uma Escola Especial localizada em São Bernardo do Campo; essas crianças são surdas e usuárias da Língua Brasileira de Sinais como primeira língua.

A primeira atividade aplicada foi uma história em sequência apresentada aos alunos, composta somente de imagens, cuja temática abordava os perigos de soltar balões. O estudo mostra que os estudantes apresentaram conhecimento suficiente para atribuir significado às imagens e também para desenvolver a atividade que havia sido proposta, um texto narrativo e descritivo. A avaliação dessas atividades foi feita levando em consideração o desenvolvimento da Língua Portuguesa e a interferência da Libras na produção escrita. Foram observadas algumas alterações linguísticas, mas é perceptível que a pesquisadora conseguiu compreender as especificidades apresentadas por esses estudantes e que conduziu sua metodologia pensando nos estágios de interlíngua que os alunos, naturalmente, demonstraram durante suas produções escritas. De acordo com Silva (2020, p.18 apud BROCHADO, 2003), o surdo, durante seu processo de aprendizado do Português escrito, passa por três fases de interlíngua:

na primeira fase, observa-se o emprego predominante de estratégias de transferência da língua de sinais para a escrita da Língua Portuguesa; na fase intermediária, há uma intensa mescla das duas línguas, em que se observa o emprego de estruturas linguísticas da Libras e o uso indiscriminado de elementos da Língua Portuguesa, na tentativa de apropriar-se da língua alvo, além do uso, muitas vezes, desordenado de

constituintes da L1 e da L2; e, na terceira fase, há o emprego predominante da gramática da Língua Portuguesa em todos os níveis, principalmente no sintático, com o emprego de um número maior de frases na ordem SVO e de estruturas complexas. Essa classificação, entretanto, não é rígida, sendo possível encontrar produções textuais de pessoas surdas que apresentam características de mais de uma dessas fases.

Nos três primeiros textos avaliados, escritos por alunos dos 6º, 7º e 8º Anos, respectivamente, foi identificado que esses encontravam-se no estágio II de interlíngua, pois as produções apresentaram uma mescla das duas línguas. Enquanto o texto produzido por um aluno do 9º Ano, encontrava-se muito próximo ao estágio III de interlíngua, uma vez que apresentou uma proximidade bastante significativa à escrita formal da Língua Portuguesa, havendo um maior predomínio da gramática da Língua Portuguesa.

A pesquisadora também elucida que apesar do nível de interlíngua identificados no processo de ensino-aprendizagem, os alunos construíram textos perfeitamente compreensíveis, além de enfatizar que eles revelaram progressos no que diz respeito à construção de textos e ao uso do Português. Demonstraram, ainda, compreensão em relação às sequências das imagens que foram lhes apresentadas e foram capazes de criar textos condizentes com a temática das imagens.

É notório que, nessa intervenção, foi levado em consideração não só aspectos linguísticos, mas também as particularidades vivenciadas por cada aluno. Isso ficou claro no momento em que a pesquisadora compara as produções feitas pelos estudantes de anos distintos, mas que reconhece e destaca as influências decorrentes das vivências desses alunos. Nesse sentido, vemos que a metodologia utilizada nesta experiência interventiva foi desenvolvida através de uma perspectiva inclusiva, que foi construída a partir de aportes teóricos que orientaram todo o trabalho. Os estágios de interlíngua foram considerados e encarados como um processo natural, um ponto bastante interessante, que demonstra a percepção do professor em relação a como o ensino de Português escrito para surdos pode ser desenvolvido. Inclusive, é um dos conceitos trabalhados dentro dos estudos da Linguística Aplicada. Esse conceito se faz muito importante dentro do contexto de ensino de línguas estrangeiras, aqui, especificamente, no contexto de ensino de Português para surdos, pois considera as características apresentadas pelos estudantes surdos imersos na aprendizagem do Português escrito.

### **Considerações finais**

Como foi mencionado no início do artigo, durante muito tempo o ensino voltado à comunidade surda aconteceu de maneira inadequada, sendo pouco ou nada significativo.

Atualmente, embora os estudos e as pesquisas tenham avançado e contribuído consideravelmente no que tange ao ensino do Português como L2 para o surdo, ainda é natural encontrarmos muitas dúvidas em relação às metodologias que podem guiar o ensino. Nesse contexto, a presente pesquisa bibliográfica buscou compreender como os conceitos da Linguística Aplicada podem auxiliar o professor de Português como segunda língua para surdos, além de analisar propostas metodológicas utilizadas nessa modalidade de ensino de língua, confrontando o material coletado com os pressupostos teóricos.

Diante das análises realizadas, foi possível observar que o ensino de Língua Portuguesa para surdos ainda segue, em muitos contextos, uma metodologia tradicional, seguindo os moldes de ensino de língua para estudantes ouvintes, não havendo, portanto, adequações quanto às metodologias aplicadas. A partir do estudo desenvolvido, ficou perceptível também a falta de profissionais habilitados a atuar no ensino de surdos, fator que interfere diretamente na metodologia adotada em sala de aula, pois se o professor não possui conhecimento da Libras, tampouco das especificidades linguísticas apresentadas pelos surdos, não há como desenvolver um trabalho significativo e eficiente. Além disso, a discussão em torno do processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa para surdos envolve muitas questões e reflexões, que precisam fazer parte da formação do professor. Entender, por exemplo, que a educação dos surdos deve seguir a proposta do Bilinguismo e reconhecer que o Português segue a ordem cronológica de segunda língua para essas pessoas, é primordial para que o ensino possa acontecer adequadamente. Observar a Linguística Aplicada como um aporte teórico dentro desse processo de ensino-aprendizagem é uma forma de enxergar novas possibilidades metodológicas, tendo como parâmetro seus princípios que norteiam os aspectos intrínsecos à aprendizagem e aquisição de línguas.

Dessa forma, a partir da observação e compreensão dos conceitos apresentados, advindos da Linguística Aplicada, podemos depreender que a metodologia utilizada no ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos pode ser elaborada concomitante às concepções expostas, mas que para isso acontecer, o professor precisa assumir um caráter de pesquisador. Nessa perspectiva metodológica, é interessante que o professor faça uso de estratégias e recursos visuais que permitam ao aluno surdo a compreensão do que está sendo lhe apresentado, partindo sempre da compreensão de que a Libras é uma língua que se constitui por meio da modalidade visuoespacial e que, portanto, seus aprendizes apreendem o mundo que os cercam através das representações visuais.

Os materiais analisados nesse artigo enfatizaram a premência de se pensar em novas formas de ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos. No decorrer da

pesquisa, foi observado a escassez de materiais atuais que explicitassem metodologias utilizadas no ensino de Português escrito para surdos. Os trabalhos discutidos foram de grande relevância para refletir acerca da realidade em que os alunos surdos se deparam, na maioria das vezes, em instituições de ensino, até mesmo àquelas que se intitulam inclusiva, como foi o caso de umas das escolas mencionadas no presente trabalho.

Em relação às teorias resultantes dos estudos da Linguística Aplicada, foi concluído que o ensino de Língua Portuguesa para surdos pouco segue esses princípios. Encontramos fragmentos de teorias possivelmente referentes à LA, mas não foi visto, dentro dos materiais analisados, um trabalho metodológico sustentado nesses pressupostos. A discussão desse estudo foi apoiada no que a Linguística Aplicada defende, a partir das teses acerca de aquisição e aprendizagem de línguas estrangeiras, do conceito de interlíngua, das diferenças existentes entre o ensino de língua materna e ensino de língua estrangeira, além de questões existentes dentro da discussão em torno do processo de ensino-aprendizagem. Todos esses conceitos foram debatidos ao longo de toda pesquisa, buscando fazer um paralelo com as metodologias identificadas nos trabalhos coletados. Certamente as reflexões advindas da Linguística Aplicada não precisam ser tomadas como únicas dentro do processo de ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos, muito pelo contrário, podem ser adicionadas a esse processo e contribuir para uma metodologia mais eficaz. Os resultados obtidos apontam para a importância de conhecer as diferenças existentes entre o trabalho com língua materna e o trabalho com línguas estrangeiras, de entender que o ensino do Português como L2 para surdos deve seguir propostas e caminhos diferentes, uma vez que o ensino de uma segunda língua apresenta objetivos diferentes do ensino de uma L1. Por fim, o debate proposto procurou elucidar as contribuições da Linguística Aplicada ao ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos, buscando colocar esse campo de investigação científica como uma alternativa de se pensar o ensino para surdos. Conclui-se que os aspectos supracitados precisam nortear o ensino de Língua Portuguesa para surdos, que abarcam o conhecimento da Libras, a compreensão do que é o Bilinguismo para os surdos e conseqüentemente os ajustes metodológicos que devem ser incorporados para a construção de um ensino efetivo.

## Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. **Ensino de Português para surdos: o que a Linguística Aplicada tem a nos ensinar?**. SlideShare, 2012. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/alexandrerosado/neiva-albres-oq-la-tem-a-nos-ensinar>. Acesso em: 10 set. 2020.

ANDRADE, Alessandra Rezende dos Santos; COSTA, Edivaldo da Silva; SANTOS, Edna Maria. O ensino de Língua Portuguesa para surdos na Escola Estadual Vicente Machado Menezes em Itabaiana - SE. *In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES*, 8, 2015, Aracajú. **Anais**. Aracaju, UNIT, 2015. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/enfope/issue/view/2/showToc>. Acesso em: 13 out. 2020.

BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, 2006.

BROCHADO, Sônia Maria Dechandt. **A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira**. 2003. 431 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2003.

DELGADO, Isabele Cahino; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. A construção do aprendiz surdo na perspectiva da alfabetização e do letramento. *In: FARIA, Maria de Brito; CAVALCANTE, Mariane Carvalho Bezerra. Desafios para uma nova escola: um olhar sobre o ensino-aprendizagem de surdos*. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2011. p. 65-107.

GARGALLO, I, S. **Lingüística aplicada a la enseñanza-aprendizaje del español como lengua extranjera**. Madrid: ARCO LIBROS, S. L., 1999.

GUERRA, Gleides Roberta. Ensino do Português como segunda língua para o aluno surdo. **Revista de Estudos Aplicados em Educação**, São Caetano do Sul, SP, v.1, n.2, ago/dez. 2016. Disponível em:

[https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_estudos\\_aplicados/article/view/4366/2060](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_estudos_aplicados/article/view/4366/2060). Acesso em: 20 out. 2020.

SILVA, Camila Michelyne Muniz. Aula 1 - Linguística Aplicada e ensino de língua para pessoas surdas. In: SILVA, Camila Michelyne Muniz. **Recursos Educacionais para o Ensino de Língua Portuguesa para Surdos**. João Pessoa: IFPB, 2020. p. 1-15. (no prelo).

XAVIER, André Nogueira; VIOTTI, Evani. Contribuições da Linguística Teórica para a Educação de Surdos: primeiros passos rumo à descrição da estrutura fonológica da língua de sinais brasileira. In: FARIA, Maria de Brito; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. **Desafios para uma nova escola: um olhar sobre o processo de ensino-aprendizagem de surdos**. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2011. p. 13-48.

VALADÃO, Michelle Nave. et al. Ensino-aprendizagem e metodologias de ensino de Língua Portuguesa para surdos na perspectiva da educação inclusiva. **Revista Línguas & Letras**, Cascavel, PR, v. 17, n. 35, 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/11642>. Acesso em: 30 set. 2020.